

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



**A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA MARGINALIZADA EM CAPITÃES DA
AREIA, DE JORGE AMADO**

Oliveira, Janiele da Silva¹
Cunha, Jhobert Sousa²
Rodrigues, Inaldo Bata³

Resumo: Este artigo discute como a infância marginalizada é representada no romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009). A obra apresenta crianças que vivem em situação de abandono, fome e exclusão social, revelando uma infância marcada pela falta de proteção e de direitos básicos. A pesquisa tem caráter qualitativo e bibliográfico e dialoga com autores como Antônio Candido (1974), Dalcastagnè (2012), Dimenstein (1995), Silva (2023), Freitas (2016), Rizzini e Pilotti (2009). O trabalho mostra que o romance rompe com a ideia de infância idealizada ao apresentar crianças que precisam amadurecer cedo demais para sobreviver. Ao dar voz às personagens e mostrar suas vivências, Jorge Amado (2009) evidencia que a marginalização infantil não acontece por escolha, mas é resultado de desigualdades sociais profundas. Assim, a obra se destaca como uma importante crítica social, utilizando a literatura como espaço de reflexão sobre a realidade da infância pobre no Brasil.

Palavras-chave: Infância marginalizada. Literatura brasileira. Exclusão social.

**THE REPRESENTATION OF MARGINALIZED CHILDHOOD IN CAPTAINS
OF THE SANDS, BY JORGE AMADO**

Abstract: This article discusses how marginalized childhood is represented in the novel *Captains of the Sands* by Jorge Amado (2009). The work portrays children living in situations of abandonment, hunger, and social exclusion, revealing a childhood marked by the lack of protection and basic rights. The research has a qualitative and bibliographic approach and engages with authors such as Antônio Candido (1974), Dalcastagnè (2012), Dimenstein (1995), Silva (2023), Freitas (2016), and Rizzini and Pilotti (2009). The study shows that the novel breaks with the idea of an idealized childhood by presenting children who must mature too early in order to survive. By giving voice to these characters and portraying their experiences, Jorge Amado highlights that childhood marginalization does not occur by choice but results from deep social inequalities. Thus, the work stands out

¹ Graduanda da Universidade Estadual do Maranhão do curso de Letras Português, Inglês e suas Literaturas. E-mail: janieleoliveira000@gmail.com

² Graduando da Universidade Estadual do Maranhão do curso de Letras Português, Inglês e suas Literaturas. E-mail: jhobertcunha@gmail.com

³ Orientador do artigo. Doutor em Ciências Sociais. Professor Substituto do Departamento de Letras e Pedagogia da UEMA (Santa Inês). E-mail: ynaldobhem@gmail.com

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



as an important social critique, using literature as a space for reflection on the reality of poor childhood in Brazil.

Keywords: Marginalized childhood. Brazilian literature. Social exclusion.

**LA REPRESENTACIÓN DE LA INFANCIA MARGINADA EN CAPITANES
DE LA ARENA, DE JORGE AMADO**

Resumen: Este artículo analiza cómo se representa la infancia marginada en la novela *Capitanes de la arena*, de Jorge Amado (2009). La obra presenta a niños que viven en situación de abandono, hambre y exclusión social, revelando una infancia marcada por la falta de protección y de derechos básicos. La investigación tiene un carácter cualitativo y bibliográfico, y dialoga con autores como Antônio Candido, Dalcagnè, Dimenstein, Silva, Freitas, Rizzini y Pilotti. El trabajo muestra que la novela rompe con la idea de una infancia idealizada al presentar niños que necesitan madurar demasiado pronto para sobrevivir. Al dar voz a los personajes y mostrar sus vivencias, Jorge Amado evidencia que la marginación infantil no ocurre por elección, sino que es resultado de profundas desigualdades sociales. Así, la obra se destaca como una importante crítica social, utilizando la literatura como espacio de reflexión sobre la realidad de la infancia pobre en Brasil.

Palabras clave: Infancia marginada; Literatura brasileña; Exclusión social.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo propõe uma leitura de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009), com foco na representação da infância marginalizada. Ao longo do texto, discute-se como a obra constrói personagens infantis marcados pelo abandono, pela fome e pela exclusão social, revelando infâncias que se desenvolvem fora dos espaços tradicionais de proteção, como a família, a escola e o Estado. A análise parte da compreensão de que a infância apresentada no romance é atravessada por desigualdades sociais profundas, que interferem diretamente na forma como essas crianças vivem e se relacionam com o mundo.

Nesse sentido, o romance *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009), apresenta um retrato sensível e crítico da infância marginalizada na cidade de Salvador. A obra acompanha um grupo de meninos que vive nas ruas e que, desde muito cedo, precisa lidar com responsabilidades, conflitos e violências próprias do mundo adulto. Ao romper com a imagem idealizada da infância, Jorge Amado (2009) evidencia que essas crianças não

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



estão nessa condição por escolha, mas por consequência de um contexto social marcado por desigualdades profundas e pela ausência de políticas públicas voltadas à infância.

A discussão proposta neste artigo dialoga com autores que contribuem para a compreensão da literatura como espaço de reflexão social. Antônio Candido (1974), ao tratar da ficção como construção estética, ajuda a entender como a narrativa literária reorganiza a realidade e humaniza as experiências representadas. Já Dalcastagnè (2012) contribui para a análise do modo como personagens socialmente marginalizados são representados na literatura, enquanto Dimenstein (1995), Freitas (2016) e Silva (2023) auxiliam na compreensão das múltiplas infâncias e das desigualdades que atravessam a experiência infantil. Rizzini e Pilotti (2009) também oferecem subsídios importantes ao discutir as formas históricas de controle e repressão direcionadas às crianças pobres.

Ao longo do artigo, realiza-se uma análise qualitativa e bibliográfica, conforme propõem Marconi e Lakatos (2017), a partir do diálogo entre os trechos do romance e o referencial teórico. Inicialmente, o texto discute a construção estética da obra e a forma como Jorge Amado apresenta seus personagens, dando destaque à individualização das infâncias retratadas. Em seguida, são analisadas as experiências de sofrimento infantil, evidenciadas principalmente pela fome, pela violência e pela perda precoce da infância. Por fim, o artigo aborda as manifestações de marginalização e exclusão social presentes na narrativa, destacando o olhar criminalizador da sociedade e as respostas repressivas do Estado.

Dessa forma, este estudo tem como objetivo geral analisar a representação da infância marginalizada em *Capitães da Areia*. Como objetivos específicos, busca-se examinar a construção estética da ficção na abordagem da infância em situação de abandono, investigar o sofrimento infantil evidenciado na narrativa e identificar as manifestações de marginalização, fome e exclusão presentes na obra. Ao propor essa análise, o artigo pretende contribuir para reflexões sobre a infância na literatura e sobre o papel da obra de Jorge Amado como instrumento de crítica social e de humanização das experiências infantis marginalizadas.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A FICÇÃO COMO CONSTRUÇÃO ESTÉTICA NA VISÃO DE ANTÔNIO CANDIDO

Para compreender a constituição do personagem de ficção no campo dos estudos literários, é necessário retomar algumas reflexões fundamentais de Antônio Candido acerca do estatuto da literatura. Em seus escritos, o autor busca delimitar o que caracteriza o literário, distinguindo-o de outros tipos de discurso e ressaltando a importância da ficcionalidade como princípio estruturante da obra. Nesse sentido, Candido (1974) argumenta que o elemento definidor da literatura não é, primordialmente, a “beleza” ou qualquer outro critério estético subjetivo, mas sim o seu caráter imaginário, isto é, a construção de mundos possíveis, personagens e situações que não dependem de uma correspondência direta com a realidade empírica. No entanto de acordo com o autor:

[...] O critério do caráter ficcional ou imaginário não satisfaz inteiramente o propósito de delimitar o campo da literatura no sentido restrito. A literatura de cordel tem caráter ficcional, mas não se pode dizer o 'mesmo dos Sermões do Padre Vieira, nem dos escritos de Pascal, nem provavelmente dos diários de Gide ou Kafka. Será ficção o poema didático *De rerum natura*, de Lucrecio? No- entanto, nenhum historiador da literatura hesitará em eliminar das suas obras os romances triviais de baixo entretenimento e em nelas acolher os escritos mencionados (Candido, 1974 p.12). [...]

Esse argumento evidencia que a literatura, quando concebida em seu sentido mais restrito, não pode ser compreendida exclusivamente a partir do elemento ficcional ou imaginativo, mas resulta da articulação de fatores mais amplos, tais como a tradição estética, a organização formal, as funções culturais que desempenha e o modo como é legitimada pela crítica. Desse modo, Candido (1974) demonstra que o literário transcende a simples dicotomia entre ficção e não ficção inscrevendo-se em um domínio de construção simbólica no qual a configuração formal das obras e sua relevância histórica dos textos constituem critérios determinantes para sua integração no sistema literário.

Ao discutir os fundamentos teóricos da ficção, Candido (1974) destaca que muitas análises desviaram do exame rigoroso de sua estrutura e de sua lógica interna. Em vez de

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



tratar a ficcionalidade como problema conceitual, parte da crítica acabou recorrendo a critérios estéticos que não esclarecem o fenômeno literário em si. Nesse sentido, o autor observa que “a exposição do problema da ficção foi numerosas vezes ultrapassada por descrições que de fato já introduziam certas valorizações estéticas” (Candido, 1974 p.36). De acordo com o autor esse problema se desenvolveu:

[...] Quando, por exemplo, foi afirmado que os grandes autores tendem a refazer o mistério humano, o campo da lógica ficcional, assim como os aspectos puramente epistemológicos e ontológicos, foram abandonados em favor de considerações estéticas; a mesma falta de rigor se verificou na abordagem da ‘vibração verbal’ da poesia; do problema da ‘verdade’ ficcional (que no fundo é de ordem estética) e da questão dos aspectos esquemáticos especialmente preparados para suscitar preenchimentos determinados do leitor (Candido, 1974 p.36).”
[...]

Dessa forma, dialogando com o pensamento do autor, a construção desses efeitos no texto depende muito da escolha precisa das palavras, de seus sons e das conotações que carregam. Também envolve o uso das suas zonas semânticas mais sutis, do jogo metafórico e do estilo, entendido como a forma como os significados são organizados. Além disso, outros recursos estéticos contribuem para dar profundidade e expressividade à obra literária. Portanto, Candido (1974) aponta que, as camadas mais externas da obra literária desempenham a função de concretizar e aprofundar o plano imaginário, dando-lhe maior transparência e conduzindo o leitor a significados mais densos. Assim, esses elementos exteriores ajudam a revelar o sentido e a ideia que estruturam a obra como um todo.

2.2 REPRESENTAÇÃO DO SOFRIMENTO INFANTIL

2.2.1 Infância e vulnerabilidade na literatura

A literatura frequentemente evidencia como a infância pode ser marcada por situações de abandono, violência simbólica e ausência de proteção. Esses relatos mostram que a vulnerabilidade infantil não é apenas social, mas também subjetiva, afetando a

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



forma como essas crianças percebem e habitam o mundo. Nesse sentido, Dimenstein (1995) defende que:

A criança é o elo mais fraco e exposto da cadeia social. Se um país é uma árvore, a criança é um fruto. E está para o progresso social e econômico, como a semente para a plantação. Nenhuma nação conseguiu progredir sem investir na educação, o que significa investir na infância. Por um motivo bem simples: ninguém planta nada se não tiver uma semente (Dimenstein, 1995 p. 3-4).

A literatura mostra que uma infância atravessada por abandono, falta de proteção e violência simbólica deixa marcas que continuam a influenciar o sujeito quando chega à juventude. Crianças que não recebem cuidado e apoio crescem com sua autonomia e cidadania já prejudicadas, e muitas dessas fragilidades apenas se transformam quando atingem a fase juvenil. Por isso, compreender a juventude exige reconhecer o que foi quebrado na infância e como isso repercute no presente. Nesse sentido, Castro (2014) destaca que a juventude não é uma ideia abstrata, mas uma potência que pode ou não se realizar, sendo frequentemente atravessada por violências, desencantos e experiências de cidadania negada, enquanto jovens seguem buscando formas de reinventar direitos e afirmar suas existências.

Ao analisar representações de infância na literatura e na sociedade, percebemos que esse conceito nunca foi fixo: ele muda conforme cada época, cada contexto e cada forma de olhar para as crianças. Isso explica por que diferentes discursos do jurídico ao literário constroem imagens tão variadas sobre o que significa ser criança. Dessa forma, entender essas mudanças é essencial para compreender como surgem certas vulnerabilidades e expectativas ligadas à infância. Como afirma Freitas: "As palavras criança e infância estiveram e estão em permanente processo de resignificação" (Freitas, 2016, p.15). Dialogando com esse pensamento Silva (2023) explica que:

São termos de arriscada definição. Mais adequado seria discorrer sobre infâncias, uma vez que existem diversos modos de vivenciar esse período da vida, conforme as condições sociais, econômicas, culturais. etc. "A definição de infância muda, mesmo no âmbito de uma cultura pequena, aparentemente homogênea, tal como muda o entendimento das infâncias no passado. Quando se tenta, por exemplo, descrever

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



'infância' em qualquer momento, depara-se com uma série de paradoxos" (Hunt, 2010, apud Silva, 2023, p. 22).

Ao entender que a infância é um conceito que muda com o tempo e com as condições sociais, também precisamos considerar quem está produzindo essas narrativas. Se existem muitas infâncias possíveis, vividas de maneiras diferentes conforme classe, raça e cultura, é natural que a literatura reflita apenas algumas delas. Isso acontece porque grande parte dos relatos memorialistas é escrita por autores que ocupam posições privilegiadas, o que influencia diretamente o tipo de infância que é lembrada e narrada. Por isso, é importante reconhecer limites desse olhar. Como aponta Silva (2023):

Na literatura brasileira há, sem dúvida, uma profusão de textos memorialistas que tendem a refletir as condições sociais e culturais do seu tempo. E, como são obras que se propõem a narrar a história de uma vida, é comum iniciarem pelo período da infância. No entanto, é preciso considerar que essas narrativas são elaboradas a partir do ponto de vista do autor. Autor esse que, em geral, faz parte de uma classe prestigiada socialmente: tudo o que ele escreve, portanto, apresenta as marcas do lugar em que está situado. Logo, analisar tais obras não possibilita a revelação do cotidiano das infâncias anônimas ou do que é ser "simplesmente criança no Brasil", porque as obras memorialistas, além de serem recriações da realidade, são narrativas submetidas a um recorte de classe, gênero e raça (Silva, 2023 p.23-24).

Dessa forma, ainda seguindo o pensamento de Silva (2023), os textos memorialistas, embora reforcem imagens de infância moldadas por desigualdades de classe e raça, também ajudam a romper com a ideia de uma infância sempre feliz e protegida. Nessas narrativas, surgem experiências marcadas por luto, solidão, medo, repressão, fome e outras formas de vulnerabilidade que muitas crianças realmente enfrentam. Obras que discorrem sobre essas temáticas como Capitães da Areia, de Jorge Amado (2009), tornam isso ainda mais evidente ao retratarem infâncias atravessadas pelo abandono, pela marginalização e pela luta diária pela sobrevivência. Ao expor essas realidades, essas obras ampliam nosso entendimento sobre as múltiplas formas de viver e sobreviver à infância no Brasil. Alinhado a esse pensamento Rocha (2018) discorre que:

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



A (re)criação da infância está diretamente relacionada ao escritor que, no tempo da elaboração do relato, "(re)lê" e compõe o passado de modo a evidenciar, ao longo do seu percurso, o gradativo e penoso embate com as agruras experimentadas na infância, até o momento - o da escrita - de (às vezes, relativa) superação das marcas deixadas por aquelas agruras (ROCHA, 2018, p. 96).

Silva (2023) afirma que o sofrimento experimentado na infância é tema recorrente não apenas nos textos memorialistas, como também nas demais obras da nossa literatura. Dialogando com essa perspectiva Lajolo aponta para "uma consistente e constante representação negativa da infância no refolho das páginas da literatura brasileira" (Lajolo, 2016, p. 338). Essas temáticas, portanto, não estão presentes somente em textos memorialistas como também em obras de caráter ficcional que retratam as opressões sociais vivenciadas na infância como podemos observar em *Capitães de Areia* de Jorge Amado (2009).

2.2.2 Marginalização, fome e exclusão

As imagens que fazem sobre grupos marginalizados geralmente vêm de quem está de fora e acabam reduzindo e até “parando” suas experiências. Em vez de mostrar que essas pessoas são diversas e têm voz, o discurso que domina costuma repetir estereótipos que acabam desumanizando esses grupos. Concordando com esse pensamento, Dalcastagnè (2012) destaca que de modo geral, os integrantes desses grupos costumam ser apresentados apenas como vítimas do sistema ou como figuras violentas. Porém, quando se adota um olhar menos centrado em si mesmo, torna-se possível perceber que, entre eles, existem inúmeras formas de resistência e diferentes tentativas de se mover e se afirmar dentro do espaço social. De acordo com a autora:

As implicações dessas estratégias na existência das personagens, e na economia da narrativa, tornam-se uma questão crucial para o entendimento de suas possibilidades. Já o modo como elas são vistas e descritas não deixa de refletir o julgamento que é feito, por vezes, de forma inconsciente, dos integrantes desses grupos (Dalcastagnè, 2012 p.49).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



As imagens simplificadas sobre grupos marginalizados não aparecem só nas narrativas sociais, mas também influenciam como as instituições tratam essas pessoas. Quando a sociedade insiste em olhar para esses grupos de forma reduzida, isso abre espaço para práticas de controle que reforçam desigualdades. Um exemplo disso é o mito criado em torno das famílias pobres entre o século XIX e XX, que acabou servindo como justificativa para intervenções duras do Estado. Como explicam Rizzini e Pilotti (2009, p. 25):

O mito criado em torno da família das classes empobrecidas serviu de justificativa para a violenta intervenção do Estado neste século. Com o consentimento das elites políticas da época, juristas delegaram a si próprios o direito de suspender, retirar e restituir o Pátrio Poder, sempre que julgassem uma família inadequada para uma criança. (RIZZINI; PILOTTI, 2009, p. 25)

Esse tipo de intervenção não surge do nada; ele se apoia justamente nas ideias que a sociedade cria sobre quem é “normal” e quem é “desviante”. É por isso que Perlman (1977) destaca que essas noções não vêm do comportamento real da maioria, mas das expectativas impostas pelas classes média e alta. Ou seja, são esses grupos que determinam o que é considerado adequado ou inadequado, e é a partir desses critérios externos que as famílias pobres acabam sendo julgadas. Dessa forma, o estigma que recai sobre elas não só molda a opinião pública, mas também legitima ações institucionais como as intervenções estatais mencionadas anteriormente.

Essas definições de normalidade criadas pelas classes mais altas mostram que os julgamentos sobre as famílias pobres não são neutros, mas fruto de uma visão que reforça desigualdades antigas. Isso também ajuda a sustentar a ideia de que cada pessoa está onde está apenas por mérito, apagando as condições sociais que moldam essas trajetórias. No Brasil, esse apagamento do pertencimento de classe favorece leituras que tratam diferenças como algo individual, e não estrutural. Essa lógica se junta ao mito de que o país é homogêneo e sem conflitos, o que acaba mascarando desigualdades profundas. É nesse contexto que Jessé Souza (2009) em seu livro *A RALÉ BRASILEIRA: quem é e como vivem* destaca que:

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



[...] No caso brasileiro, a justificação da desigualdade pelo ‘esquecimento’ do pertencimento de classe e, portanto, da gênese social das diferenças individuais que aparecem como atributo (miraculoso) do mérito individual é mil vezes potencializada por uma aliança invisível com o mito da brasilidade. Como vimos acima, o mito da brasilidade tem a ver tanto com a construção de uma ficção de homogeneidade e de unidade entre brasileiros tão desiguais quanto com ‘horror ao conflito’ (Souza, 2009 p.46). [...]

Kothe (2000) observa que, historicamente, as classes dominantes exerceram o monopólio das ideologias, direcionando a forma como a sociedade é interpretada. Contudo, reproduzir essa leitura baseada apenas na aparência construída pelos interesses hegemônicos implica desconsiderar a estrutura interna da vida social. O autor também ressalta que a afirmação da classe alta se sustenta por meio do rebaixamento contínuo das classes subalternizadas.

2.2.3 Infância marginalizada em Capitães da Areia: um diálogo com a teoria

Em *Capitães da Areia*, Jorge Amado (2009) apresenta uma infância muito distante daquela imagem idealizada de cuidado, proteção e brincadeiras. A obra mostra crianças que crescem em meio ao abandono, à fome e à exclusão social, sendo obrigadas a lidar, desde cedo, com uma realidade dura e violenta. Dessa forma, o romance cumpre o objetivo de revelar como a infância marginalizada é construída socialmente, expondo meninos que são empurrados para a vida adulta sem que tenham tido a chance de viver plenamente como crianças.

Pedro Bala é o retrato de uma infância que nunca pôde ser vivida de verdade. Desde pequeno, ele perde tudo o que deveria proteger uma criança não conheceu a mãe, o pai morreu com um tiro, e ele acabou crescendo sozinho nas ruas da Bahia (AMADO, 2009, p. 13). Ainda menino, precisou virar líder dos Capitães da Areia para sobreviver. Mesmo envolvido em furtos, Pedro Bala demonstra consciência sobre a desigualdade social, principalmente quando questiona a ideia de justiça divina, percebendo que, na terra, os pobres sempre saem perdendo (AMADO, 2009, p.80). Ele mostra que essas

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



crianças não são naturalmente violentas, mas empurradas para a marginalização pela falta de escolhas.

Padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro Bala não achava justa naquilo. No reino do céu seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado (Amado, 2009, p.80)

O Professor (João José) é quem mostra que, mesmo na vida dura da rua, ainda existe espaço para imaginar outros mundos. Ele quase não frequentou a escola, mas desenvolveu um amor enorme pelos livros, que guardava no trapiche e lia com muita dedicação (AMADO, 2009, p. 16-17). As histórias que lia e contava ajudavam os meninos a esquecer, mesmo que por pouco tempo, a fome, o frio e os perigos da rua. O Professor prova que o conhecimento e a leitura podem ser uma forma de resistência e de esperança, mesmo em meio à exclusão.

Apelidaram-no de Professor porque num livro furtado ele aprendera a fazer mágicas com lenços niqueis e também porque, contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa mágica de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem com o só brilham as estrelas da noite da Bahia. (Amado, 2009, p.16-17)

O Sem-Pernas é um dos personagens mais tristes da obra. Marcado por um problema físico e pela falta total de carinho, ele aprende desde cedo a usar a própria dor como estratégia para sobreviver, fingindo ser um menino abandonado para conseguir comida e abrigo (Amado, 2009, p. 17). No fundo, porém, ele nunca teve uma infância de verdade. Foi obrigado a crescer cedo demais e acabou se tornando alguém cheio de mágoa e ódio (Amado, 2009, p. 223). Sem-Pernas mostra como a falta de afeto pode machucar tanto quanto a fome.

Sem-Pernas os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca pôde ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado ao abandonar porque a vida já o tinha marcado demais. Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. Nunca conseguira amar ninguém,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. (Amado, 2009, p.223)

Uma outra personagem da obra apresentada pela vulnerabilidade e abandono familiar e social é a menina Dora. A órfã, carrega lembranças muito dolorosas da morte dos pais e sente na pele a fome extrema que atinge crianças tão novas (Amado, 2009, p. 149-152). Dora representa a fragilidade, mas também a força das meninas que crescem sem proteção e precisam resistir desde muito cedo.

A tarde toda foi uma caminhada de um lado para outro à procura de emprego. Em todas as casas diziam que não, o medo da varíola era maior que qualquer bondade. No começo da noite Zé Fuinha não se agüentava mais de cansado. Dora estava triste e pensava em voltar ao morro. Ia ser uma carga para os vizinhos pobres. Não queria voltar. Do morro sua mãe tinha saído num caixão, seu pai metido num saco. (Amado, 2009, p.152)

O Pirulito encontra na religião uma maneira de suportar a vida difícil que leva. Sua fé faz com que ele tente enxergar bondade mesmo em meio à miséria e à violência. Ao pensar nos Capitães da Areia, ele entende que os meninos não roubam por maldade, mas porque não têm casa, comida nem família (Amado, 2009, p. 93). Pirulito mostra um olhar mais sensível e humano, diferente do julgamento duro feito pela sociedade.

Eles furtavam, brigavam nas ruas, xingavam nomes, derrubavam negrinhas no areal, por vezes feriam com navalhas ou punhal homens e polícias. Mas, no entanto, eram bons, uns eram amigos dos outros. Se faziam tudo aquilo é que não tinham casa, nem pai, nem mãe, a vida deles era uma vida sem ter comida certa e dormindo num casarão quase sem teto. Se não fizessem tudo aquilo morreriam de fome, porque eram raras as casas que davam de comer a um, de vestir a outro. E nem toda a cidade poderia dar a todos. (Amado, 2009, p. 93).

O João Grande representa a força física e o envolvimento precoce com a vida das ruas. Ele entra para os Capitães da Areia ainda muito novo, aos nove anos, o que mostra como essas crianças são jogadas cedo demais em uma realidade adulta (Amado, 2009, p. 15). Sua presença reforça a ideia de que, para muitos meninos pobres, a infância é encurtada pela necessidade de sobreviver.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



O personagem Volta Seca aprende, convivendo com o grupo, que a injustiça social não existe só no sertão, mas também na cidade. Ele percebe que os ricos mandam e exploram em qualquer lugar, e que as crianças pobres sofrem em toda parte (Amado, 2006, p. 219). Esse aprendizado faz crescer nele um sentimento de revolta, mostrando como a exclusão forma crianças cheias de raiva e desilusão.

Volta Seca continuou a caminhada com seu rosto sombrio. Muita coisa aprendeu na cidade, entre os Capitães da Areia. Aprendeu que não era só no sertão que os homens ricos eram ruins para com os pobres. Na cidade, também. Aprendeu que as crianças pobres são desgraçadas em toda parte, que os ricos perseguem e mandam em toda parte. Sorriu por vezes, mas nunca deixou de odiar. (Amado, 2009, p. 219).

Logo no início da narrativa, o autor chama atenção para a forma preconceituosa como a sociedade enxerga esses meninos. A reportagem jornalística descreve os Capitães da Areia como “meninos assaltantes e ladrões que infestam a nossa urbe” (Amado, 2009, p. 3), colocando sobre eles toda a culpa pela situação em que vivem. Esse discurso ignora completamente as condições sociais que levaram essas crianças às ruas e reforça estereótipos que associam pobreza à criminalidade. Esse tipo de visão confirma o que Dalcastagnè (2012) discute ao mostrar que grupos marginalizados costumam ser retratados de forma simplificada, quase sempre como problema social, sem que suas histórias e vivências sejam consideradas. (Dalcastagnè, 2012 p.49).

Ao longo do romance, porém, Jorge Amado (2011) vai desmontando esse olhar estigmatizado e passa a mostrar a realidade vivida pelos próprios meninos. O trapiche abandonado onde eles dormem descrito como um lugar em que as crianças passam a noite expostas ao vento e à chuva (Amado, 2009, p. 11-12) deixa claro o quanto essas infâncias são marcadas pela falta de proteção. Esse espaço simboliza a exclusão social e mostra como essas crianças sobrevivem à margem da cidade, sem qualquer amparo. Essa situação dialoga com Dimenstein (1995), ao evidenciar que a criança é o ponto mais frágil da sociedade e que, quando não há investimento na infância, as consequências recaem sobre toda a vida do sujeito. (Dimenstein, 1995 p. 3-4).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



No que diz respeito à construção estética da narrativa, Jorge Amado (2011) cria personagens que fogem de estereótipos e ganham profundidade humana. Como aponta Antônio Candido (1974, p.36), a literatura não apenas copia a realidade, mas a reorganiza de forma simbólica, permitindo ao leitor compreender melhor a experiência humana. Isso fica evidente na trajetória de Pedro Bala, que nunca conheceu a mãe e perdeu o pai ainda pequeno, vítima da violência (Amado, 2009, p. 13). A história desse personagem mostra como a exclusão social não é algo abstrato, mas algo que marca profundamente a vida e as escolhas dessas crianças.

O sofrimento infantil aparece de forma constante na obra, tanto no corpo quanto nas emoções das personagens. A fome, por exemplo, é retratada de maneira direta e dolorosa, como na experiência de Dora, que sente “a fome terrível das crianças de 13 anos” (Amado, 2009, p. 149). Essa passagem deixa claro que não há espaço para uma infância protegida quando a principal preocupação é sobreviver. Assim, o romance reforça a ideia, discutida por Silva “Mais adequado seria discorrer sobre infâncias, uma vez que existem diversos modos de vivenciar esse período da vida, conforme as condições sociais, econômicas, culturais. etc.” (2023, p.22) e Freitas “As palavras criança e infância estiveram e estão em permanente processo de resignificação” (2016, p.15) de que existem várias formas de viver a infância, e que essas experiências são profundamente marcadas pelas condições sociais.

No momento em que Dora enfrenta “a fome terrível das crianças de 13 anos”, percebe-se que a fome ultrapassa a dimensão física e assume um caráter profundamente social. Não se trata apenas da necessidade de alimento, mas de uma experiência que desgasta o corpo e atinge a subjetividade. A vontade de cair na rua e desistir evidencia o esgotamento provocado pela miséria. Ao mesmo tempo, a lembrança dos pais mortos demonstra que ainda há nela traços de uma infância que conheceu algum tipo de afeto e proteção. A ausência da família aparece como uma ferida que intensifica sua fragilidade.

Agora a fome ajudava a magoar seu corpo, a fome terrível das crianças de 13 anos, uma fome que exige comida imediatamente. Dora tinha

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



vontade de chorar, de se deixar cair na rua, sob o sol, e não fazer movimentos. Uma saudade dos pais mortos a invadiu. Mas reagiu contra tudo e continuou. (Amado, 2009, p. 149)

Contudo, ao reagir e continuar caminhando, Dora revela uma força que nasce da necessidade de sobreviver. Essa resistência não é fruto de escolha, mas imposição das circunstâncias. A realidade a obriga a amadurecer rapidamente, transformando sua infância em um espaço de luta constante. Assim, a fome não apenas enfraquece o corpo, mas contribui para moldar uma postura de enfrentamento. A menina aprende que precisa seguir em frente, ainda que isso signifique abdicar da fragilidade própria da infância.

Fica claro ao longo da narrativa que os Capitães da Areia tiveram a infância interrompida muito cedo. Sem casa, sem pai e sem mãe, eles precisaram aprender a cuidar de si mesmos desde muito novos, o que confirma a ideia de que a infância não é vivida da mesma forma por todos, mas depende das condições sociais em que a criança está inserida (FREITAS, 2016; SILVA, 2023). Assim, brincar, estudar ou simplesmente ser criança torna-se algo distante dessa realidade.

Ao afirmar que os meninos eram “como homens”, diferenciando-se apenas pelo tamanho, o narrador evidencia que lhes foi negada a experiência plena da infância. Eles assumem comportamentos e responsabilidades típicos do universo adulto roubam, enfrentam punições severas e participam de situações violentas. A repetição dessa comparação reforça que esses personagens não tiveram acesso a espaços de cuidado e proteção. A ausência da família e da escola faz com que sejam obrigados a construir sozinhos seus próprios caminhos.

Desde pequenos na arriscada vida da rua, os Capitães da Areia eram como homens eram iguais a homens. Toda a diferença estava no tamanho. No mais eram iguais: amavam e derrubavam negras no areal desde cedo furtavam para viver como os ladrões da cidade. Quando eram preso apanhavam surras como os homens. Por vezes assaltavam de armas na mão como os mais temidos bandidos da Bahia. Não tinham também conversas de meninos, conversavam como homens. Sentiam mesmo como homens. Quando outras crianças só se preocupavam com brincar, estudar livros para aprender a ler, eles se viam envolvidos em acontecimentos que só os homens sabiam resolver. Sempre tinham sido como homens, na sua vida de miséria e de aventura, nunca tinham sido

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



perfeitamente crianças. Porque o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade. Nunca eles tiveram pai e mãe na vida da rua. E tiveram sempre que cuidar de si mesmos, foram sempre os responsáveis por si. (Amado, 2009, p. 2017)

Quando o trecho sugere que a infância depende de um ambiente familiar e da ausência de responsabilidades, evidencia-se que essa fase da vida é também resultado de condições sociais. Sem esse suporte, a infância se desfaz. O que se desenvolve nesses meninos é uma maturidade imposta, marcada pela autodefesa e pela necessidade de sobrevivência. A violência que praticam surge como reflexo da exclusão que vivenciam. O romance, portanto, aponta que a marginalização não nasce do indivíduo, mas das estruturas sociais que o abandonam.

A convivência diária com a violência também contribui para que essas crianças passem a agir e sentir como adultos. Eles apanham quando são presos, assaltam armados e lidam com situações que, segundo o narrador, “só os homens sabiam resolver” (Amado, 2009, p. 217). Essa realidade dialoga com Dimenstein (1995 p. 3-4), ao evidenciar que a criança é o elo mais frágil da sociedade e que a ausência de proteção amplia ainda mais sua vulnerabilidade. Além disso, como aponta Castro (2014), experiências vividas na infância deixam marcas profundas que acompanham o sujeito ao longo da juventude, o que ajuda a compreender por que essas crianças crescem marcadas pela dureza e pela revolta.

Do ponto de vista literário, Jorge Amado constrói essa experiência de forma sensível e crítica, permitindo que o leitor compreenda a dimensão humana dessa infância roubada. Conforme Candido (1974, p.25), a ficção tem a capacidade de reorganizar a realidade e revelar sentidos profundos da experiência social. Ao mostrar que “o que faz a criança é o ambiente de casa, pai, mãe, nenhuma responsabilidade” (Amado, 2009, p. 217), a narrativa provoca uma reflexão sobre tudo aquilo que foi negado a essas crianças.

No caso de Sem-Pernas, observa-se como a falta de afeto compromete profundamente a formação emocional. Ele demonstra ressentimento porque nunca experimentou o carinho de forma contínua. A afirmação de que jamais viveu uma

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido



verdadeira alegria infantil revela o quanto sua infância foi interrompida. Diferente de outras crianças, que ainda preservam certa inocência, ele já carrega marcas profundas de sofrimento. O único vínculo afetivo que mantém é com o cachorro, sinal de que a relação com as pessoas se tornou difícil e dolorosa.

Sem-Pernas os odeia como odeia a todo mundo, porque nunca pôde ter um carinho. E no dia que o teve foi obrigado ao abandonar porque a vida já o tinha marcado demais. Nunca tivera uma alegria de criança. Se fizera homem antes dos dez anos para lutar pela mais miserável das vidas: a vida de criança abandonada. Nunca conseguira amar ninguém, a não ser a este cachorro que o segue. Quando os corações das demais crianças ainda estão puros de sentimentos, o do Sem-Pernas já estava cheio de ódio. Odiava a cidade, a vida, os homens. (Amado, 2009, p. 223)

A consequência dessa trajetória é a construção de um sujeito dominado pelo ódio. Seus sentimentos foram moldados pela exclusão e pela rejeição. Enquanto outras crianças desenvolvem afetos e descobrem o mundo com leveza, Sem-Pernas cresce envolto em revolta. Ele não odeia apenas indivíduos específicos, mas a própria cidade e a vida, demonstrando que a exclusão gera ruptura com qualquer sensação de pertencimento. Sua trajetória revela que a ausência de cuidado pode transformar dor em ressentimento permanente.

Ao afirmar que ele “nunca tivera uma alegria de criança” (Amado, 2009, p. 223), o narrador evidencia como a ausência de cuidado e carinho produz marcas profundas, transformando dor em revolta. Essa representação confirma o que Lajolo (2016) aponta sobre a presença recorrente de infâncias marcadas pelo sofrimento na literatura brasileira (Lajolo, 2016, p. 338), especialmente em obras que denunciam desigualdades sociais. A obra não apenas retrata o abandono, a fome e a exclusão, mas também questiona os discursos que culpam essas crianças por sua própria condição.

A exclusão também se manifesta na maneira como o Estado e a sociedade lidam com essas crianças. A ideia de levá-las para o reformatório, visto como “pior que as prisões” (Amado, 2009, p. 8-9), revela práticas de controle e punição que recaem principalmente sobre os pobres. Essa lógica confirma as análises de Rizzini e Pilotti

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



(2009), que mostram como intervenções estatais costumam ser violentas e moralizantes quando se trata de crianças das camadas populares (Rizzini; Pilotti, 2009, p. 25). Algumas desenvolvem resistência, outras ressentimento, todas, porém, são privados do direito de viver plenamente sua infância. Assim, a narrativa funciona como denúncia social, ao mostrar que a marginalização infantil não é resultado de escolhas individuais, mas consequência de estruturas excludentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste artigo permite afirmar que *Capitães da Areia* apresenta uma representação forte e crítica da infância marginalizada. As crianças retratadas por Jorge Amado (2009) têm a infância interrompida muito cedo, sendo obrigadas a assumir responsabilidades e enfrentar violências que não deveriam fazer parte dessa fase da vida. O romance deixa claro que essa realidade não é fruto de escolhas individuais, mas de um contexto social marcado pela pobreza, pela exclusão e pela falta de políticas públicas voltadas à infância.

No que se refere à construção estética da obra, observa-se que Jorge Amado humaniza seus personagens ao apresentar suas histórias, sentimentos e conflitos. Conforme discutido por Antônio Candido, a literatura tem a capacidade de reorganizar a realidade e torná-la mais compreensível, e isso se confirma em *Capitães da Areia*, ao permitir que o leitor enxergue essas crianças para além dos rótulos impostos pela sociedade.

O sofrimento infantil aparece de maneira constante na narrativa, seja por meio da fome, da violência, da perda dos vínculos familiares ou da ausência de afeto. Personagens como Dora, Sem-Pernas e Pedro Bala revelam como essas experiências deixam marcas profundas, físicas e emocionais. Além disso, a obra evidencia práticas de exclusão e repressão que recaem sobre a infância pobre, como a criminalização e o envio a instituições punitivas, reforçando a desigualdade social.

Considerando o problema de pesquisa de que modo a infância marginalizada é representada em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado (2009) e os objetivos propostos,

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



pode-se afirmar que o artigo os contemplou de forma coerente. O objetivo geral foi alcançado ao demonstrar como a narrativa constrói personagens infantis atravessados pela fome, pelo abandono e pela exclusão social, evidenciando que a infância retratada na obra é profundamente marcada por desigualdades estruturais. Da mesma forma, os objetivos específicos foram atendidos, pois o estudo analisou a construção estética da ficção na representação da infância em situação de vulnerabilidade, investigou as expressões do sofrimento infantil presentes na obra e identificou as diferentes formas de marginalização e exclusão que configuram a experiência dessas crianças.

Dessa forma, conclui-se que *Capitães da Areia* não apenas retrata a infância marginalizada, mas também questiona os discursos que naturalizam essa exclusão. Ao dar visibilidade a essas infâncias, o romance convida o leitor a refletir sobre a responsabilidade da sociedade e do Estado diante das crianças em situação de vulnerabilidade, reafirmando o papel da literatura como espaço de crítica social, denúncia e humanização.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CASTRO, M, Emancipação. **CIDADANIA E JUVENTUDES: ESTES TEMPOS**, Série Cadernos FLACSO, maio, 2014

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.

KOTHE, Flávio R. **O herói**. 2 ed. São Paulo: Atira, 2000.

PERLMAN, J. E. **O mito da Marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro**. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho. Prefácio de Fernando Henrique Cardoso. Coleção Estudos brasileiros, v. 18. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. (Orgs.). **A infância sem disfarces: uma leitura histórica**. In: _____ A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Vivian Bezerra da. **Infâncias em situação-limite na literatura brasileira contemporânea: representações em perspectiva**. 2023. 161 f., 1 il. Tese (Doutorado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2023.

SOUZA, Jessé. Ralé brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

